

FOTOGRAFIA E A INTERPRETAÇÃO DO REAL¹

RODRIGUES, Iara²
RODRIGUES, Liliana³

RESUMO

A arte em fotografar pode ser entendida como uma das maneiras de observar como está o mundo ao seu redor, a expressão visual de algo concreto existente ao meio ambiente que figura beleza e magia do real. Nesta perspectiva, a fotografia deve ser aprendida como comunicação que emprega diversas linguagens dotadas por significados e discursos que tem o objetivo de interpretar o real ou parte dele fazendo uma leitura do mundo e do cotidiano social, de acordo com os mais diferentes pontos de vistas. Para tanto, o presente artigo trará em seu bojo uma breve reflexão acerca da fotografia e a interpretação do real.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia; interpretação; imagem; realidade.

1. INTRODUÇÃO

Pensar a fotografia em suas diversas relações com a sociedade nos permite analisar as suas especificidades dentro dessa relação. A arte em fotografar pode ser entendida como uma das maneiras de transmitir formas, de observar como está o mundo ao seu redor, a expressão visual de algo concreto existente ao meio ambiente que figura beleza e magia do real. Historicamente antes da invenção da fotografia, a semelhança entre o retrato e o retratado dependia da perícia e sensibilidade do artista e se impunha, como principal critério de julgamento: quanto mais parecido, melhor o retrato.

¹Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – IX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

²Acadêmica do 5º Período curso de Jornalismo da Faculdade Boas Novas. Email: iararpjornalista@gmail.com;

³Professora Orientadora da Faculdade Boas Novas. Email: liliana@oana.com.br

Todavia, a perfeição da imagem trazida pela fotografia, à exatidão com que representava a realidade, era o que surpreendia e fascinava quem via uma fotografia. De forma consciente ou não, obtinham muitas informações reunidas em uma só imagem, quem via essas imagens as comparava com a pintura, a gravura e como desenho. Isso nos remete a pensar na crise que esse novo campo do conhecimento trouxe para aquela sociedade. “A fotografia é consequência inevitável do deslumbramento do homem diante da câmara escura. É o vestígio deixado no filme pela imagem que tanto o fascinou.” (KUBRUSLY, 2004, p.24).

As primeiras câmeras foram feitas na França e na Inglaterra no início da década de 1840, só os inventores e os estudiosos se interessavam em operar o novo invento naquela época tirar fotos não tinha nenhuma utilidade social, tratava-se apenas de uma atividade gratuita, ou seja, com pouca pretensão artística. Porém, a entrada da industrialização que fez com que a fotografia adquirisse merecido *status* de arte, propiciando o uso dessa então nova tecnologia como atividade social. Assim como a industrialização propiciou os usos sociais para a função de fotógrafo, a reação contra esses usos reforçou a consciência da fotografia como arte.

Shimoda (2009), no século XIX, a fotografia chega como solução tecnológica para produção chega como solução tecnológica para produção e reprodução em massa de imagens e revoluciona-se para, sobre uma base material complexa, possibilitar uma técnica de conversação em massa entre vários sistemas de línguas verbais. Desta forma a fotografia supera a simples visão histórica de um invento que registra a luz, para se tornar um aparelho social de produção e reprodução de linguagens e interpretações.

Nesta conjuntura, no presente artigo faremos uma breve discussão acerca da história da fotografia e sua evolução, bem como analisaremos na visão dos autores de que forma a fotografia age como um reflexo do real dentro das diferentes linguagens interpretativas individuais.

2. FOTOGRAFIA: UM BREVE HISTÓRICO

A fotografia é herdeira da pintura do século XIX, quando a tradicional separação dos gêneros se manifestou por meio de retrato, paisagem, e na natureza morta. A prática da pintura exerceu-se durante vários séculos em função desta classificação temática. Este ato tão singelo que nos proporciona um registro visual pode trazer à tona uma

realidade complexa, fazendo surgir também experiências e participações muito difíceis de serem expressas somente através de palavras, “de todos os meios de expressão, a fotografia é o único que fixa para sempre o instante preciso e transitório.” Henri Cartier-Bresson.

Ramalho (2004), desde a época do Império, quando as primeiras fotografias da família Real Brasileira foram feitas, em 1842, pelo fotografo Augustus Morand, usamos a mesma forma de captar uma imagem fotográfica: uma mistura química de sais de prata é colocada numa superfície, naquela época usavam-se placas de vidro, que eram guardadas em uma caixa vedada á luz (câmera) ao ser exposta brevemente á luz, essa placa registrava a imagem que se encontrava á frente da câmera. Um fator decisivo para a popularização da fotografia foi a invenção do filme 135 feito pela kodak, em 1834, passando assim, a ser utilizado por fotógrafos profissionais e amadores.

A partir de então, a fotografia foi evoluindo melhorando a qualidade de seu processo de criação da imagem. Com a fotografia digital esse processo ganhou novas dimensões levando a fotografia a um novo patamar. Na criação de novas tecnologias gráficas ou industriais, o fotógrafo utiliza diversas ferramentas para o bom desenvolvimento de seu trabalho. O século XX pode ser entendido como o século da fotografia, pois foi nesse período que a imagem alcançou todas as esferas sociais, levando, com o seu sedutor desenvolvimento.

A construção de um conceito, atualmente, utiliza instrumentos computacionais (*softwares*) para o estudo, realização e concretização de projetos. Dentre tais instrumentos, a fotografia tem sido subutilizada. Na realidade, a fotografia auxilia no aprofundar da análise antropológica.

Do ponto de vista do fotografo, a câmera digital traz duas importantes diferenças: o meio de registrar as imagens e a maneira de tirar fotos. A fotografia é capaz de retratar eficazmente a realidade de um momento, tornando as lembranças registradas através dessas representações.

3. A CONSTRUÇÃO DO REAL

Refletir sobre a fotografia não implica apenas em pensar sobre certo tipo de imagem ou sobre um sistema de trocas simbólicas. Tal reflexão requer bem mais, pois,

desde o início, “a fotografia demonstrou ser um agente de conformação da realidade num processo de montagem e seleção, no qual o mundo se revela “semelhante” e “diferente”, ao mesmo tempo” (FABRIS, 1991, p.09).

A fotografia precisa ser vista como um meio de expressão que pode nos fornecer informações sobre o real ou parte dele. Com a invenção deste novo processo de reprodução da realidade, as artes plásticas adquiriram muito mais liberdade de criação, visto que não precisavam ater-se ao real, criar cópias deste.

Para Dubois (1993), o papel da fotografia é conservar o traço do passado ou auxiliar as ciências em seu esforço para sua melhor apreensão da realidade do mundo. Em outras palavras, na ideologia estética de sua época, a fotografia é recolocada com clareza em seu lugar ela é um auxiliar (um servidor) da memória, uma simples testemunha do que passou. Não deve principalmente tentar “invadir o espaço reservado à criação artística, “uma obra não pode ser ao mesmo tempo artística e documental, pois a arte é definida como aquilo mesmo que permita escapar do real” (DUBOIS, 1993, p, 30).

Ao contrário das concepções de Dubois, sobre a fotografia existem outros discursos que baseiam-se exatamente na mesma concepção de separação radical entre arte, criação imaginária que abriga sua própria finalidade, e a técnica fotográfica, instrumento fiel de reprodução do real. A origem cognitiva da imagem na capacidade de abstração que chamamos de imaginação, conceituando-a como a capacidade de codificar fenômenos de quatro dimensões em símbolos planos e decodificar as mensagens assim codificadas. Imaginação é a capacidade de fazer e decifrar imagens. A fotografia é definida como um produto cultural, produzido, na imaginação, pela tecnologia. (FLUSSER, 1985, p. 13).

Nesta perspectiva, "a imagem permite estabelecer equivalências semânticas entre paisagens e objetos com representações bidimensionais" (Shimoda, 2009, p. 14), olhando a fotografia com a argumentação que ela é fruto da imaginação, significa defender que a imagem suscita um processo cognitivo no ser humano que permite usar a imaginação para interpretar as imagens dando significados a elas. Essa capacidade permite ao ser humano possibilidades de elaboração de linguagem complexas que podem despertar diferentes pontos de vista a respeito do mundo.

O mundo da vida cotidiana não somente é tomado como uma realidade certa pelos membros ordinários da sociedade na conduta subjetivamente dotada de sentido que imprimem a suas vidas, mas é um mundo que se origina no pensamento e na ação dos homens comuns, sendo afirmado como real para eles. (BERGER, 1985, p.18).

Como uma linguagem, a fotografia deve ser aprendida como comunicação que utiliza superfícies codificadas dotadas por significados e discursos que visam o convencimento social com base em um ponto de vista. Sontag (2008), ao ensinar um novo código visual, afirma que as fotos ampliam e modificam nossas ideias e sobre aquilo que vale a pena olhar e sobre o que temos direito de observar. Essas ideias transformam-se em uma nova forma de olhar e ver o mundo, isto é, em uma nova ética do ver.

A realidade sempre foi interpretada por meio das informações fornecidas pelas imagens; e os filósofos, desde Platão, até tentaram dirimir nossa dependência das imagens ao evocar o padrão de um modo de apreender o real sem usar imagens. No entanto, logo essa tentativa perdeu força, pelo fato das imagens serem capazes de usurpar a realidade porque antes de tudo, uma foto não é apenas uma imagem (como uma pintura é uma imagem), uma interpretação do real; é também um vestígio, algo diretamente decalcado do real, como uma pegada ou uma máscara mortuária. (SONTAG, 2008).

3.1 RECURSOS FOTOGRÁFICOS ATUAIS PARA CONSTRUÇÃO DO REAL

Atualmente para fotografar é possível utilizar-se de alguns recursos para tanto tecnológicos quanto de habilidade e de interpretação do profissional que está produzindo a foto. Ou seja, quando distanciamos a câmara em relação ao objeto fotografado, levando-se em conta a organização dos elementos internos do enquadramento, verificamos que a distinção entre os planos não é somente uma diferença formal, cada um possui uma capacidade narrativa e interpretativa da realidade, um conteúdo dramático próprio. É justamente isso que permite que eles formem uma unidade de linguagem, a significação decorre do uso adequado dos elementos descritivos e com o uso das possibilidades em cada plano.

Dentre essas possibilidades da composição das imagens existem alguns tipos de planos que podem auxiliar o fotógrafo a buscar a composição ou estrutura dos

elementos da imagem que ele procura. Os planos fotográficos se dividem em três grupos principais: os planos gerais, os planos médios, e os primeiros planos. Os Planos determinam o distanciamento da câmera em relação ao objeto fotografado, levando-se em conta a organização dos elementos dentro do enquadramento realizado. Uma mesma fotografia pode conter vários planos, sendo classificada por aquele que é responsável por suas características principais.

Enquadrar o centro de interesse focalizando objetos que estejam no “Primeiro Plano”, nos dá a sensação de profundidade. Usar ou não o enquadramento para uma foto, dependerá de cada novo assunto e o que o fotógrafo escolhe como moldura, varia a cada foto tirada. Também é comum utilizarmos a expressão “Segundo Plano” para nos referirmos a assuntos, pessoas ou objetos, que mesmo não estando em destaque ou determinando o sentido da foto, têm sua importância.

No Plano Geral (PG), o ambiente ocupa uma menor parte do quadro: divide, assim, o espaço com o sujeito. Existe aqui uma integração entre eles. Tem grande valor descritivo, situa a ação e situa o homem no ambiente em que ocorre a ação. O dramático advém do tipo de relação existente entre o sujeito e o ambiente. O PG é necessário para localizar o espaço da ação. Existe ainda o Grande Plano Geral (GPG) nesta modalidade o ambiente é o elemento primordial. O sujeito é um elemento dominado pela situação geográfica. Objetivamente a área do quadro é preenchida pelo ambiente deixando uma pequena parcela deste espaço para o sujeito que também o dimensiona. Pode enfatizar a dominação do ambiente sobre o homem ou, simbolicamente, a solidão.

No caso do Plano Médio (PM) é o enquadramento em que o sujeito preenche o quadro os pés sobre a linha inferior, a cabeça encostando-se à superior do quadro, até o enquadramento cuja linha inferior corte o sujeito na cintura. Como se vê, os planos não são rigorosamente fixados por enquadres exatos. Eles permitem variações, sendo definidos muito mais pelo equilíbrio entre os elementos do quadro, do que por medidas formais exatas. Ou seja, sujeito ou assunto fotografados estão ocupando boa parte do quadro, deixando espaço para outros elementos que deverão completar a informação. Este plano é bastante descritivo, narrando à ação e o sujeito. O plano médio é bastante descritivo, diferente do plano geral que narra à situação geográfica, porque descrevem a ação e o sujeito.

No Primeiro Plano (PP) o sujeito é o foco principal dando destaque ao seu semblante, gesto, à emoção, à fisionomia, podendo também ser um plano de detalhe, onde a textura ganha força e pode ser utilizada na criação de fotografias abstratas. Sua função principal é registrar a emoção da fisionomia.

O primeiro plano isola o sujeito do ambiente, portanto, “dirige” a atenção do espectador. Ainda dentro do primeiro plano é possível desenvolver outro tipo de plano fotográfico chamado de Plano de Detalhe (PD) esta modalidade isola uma parte do rosto do sujeito. Evidentemente, é um plano de grande impacto pela ampliação que dá a um pormenor que, geralmente, não percebemos com minúcia. Pode chegar a criar formas quase abstratas.

Como vimos existem alguns recursos nas câmeras que podem ajudar o fotógrafo tanto profissional quanto amador a compor as fotos de acordo com seu objetivo traçado. Podemos observar também com esse estudo algumas das principais modalidades fotográficas utilizadas pela sociedade, o fotojornalismo, a fotografia de retrato, a fotografia publicitária, a fotografia de moda e a fotomontagem.

O Foto jornalismo: é a prática do jornalismo por meio da linguagem visual, em substituição da linguagem verbal, o impacto da imagem é um elemento fundamental. A fotografia jornalística possui três gêneros: fotografias sociais, fotografia de desportos e as fotografias de culturais.

A fotografia de retrato: Richard Avedon (1923 – 2004), entre tantos artistas em fotografia, destacou-se em análise os seus retratos de estúdio, pode-se induzir no erro de pensar à partida que as suas imagens não possuem uma temática. Embora em parte seja verdade, pois esses retratos, por hora, não tratam nenhuma temática específica, existe uma temática geral que os caracteriza e que é comum a todo o seu trabalho retratista. Assim, pode-se dizer que o trabalho de Avedon, de uma forma geral, reflete a realidade do ser humano destituída de noções espaços-temporais. As pessoas são o centro de todo o seu trabalho, é quase sempre, não são só o centro, mas também o único elemento da imagem. Por isso Avedon concentra-se nelas e tenta retirar delas aquilo que elas transmitem, na sua forma mais pura.

A Fotografia publicitária é a fotografia especialmente produzida para a difusão comercial de um produto, independente do suporte escolhido pelo anunciante, que tanto podem ser suportes impressos - jornais, revistas, cartazes, outdoors, ou

folhetos - como audiovisual (anúncios transmitidos pela televisão ou pelo cinema). Na fotografia publicitária, de modo geral, a concepção prévia da imagem é esboçada pelo diretor de arte da agência que detêm a conta do cliente em questão e a tomada da fotografia é esplanada na atuação de um produtor que reúne o material necessário, podendo inclusive chegar a organizar pessoalmente os elementos constitutivos da composição. Nestes casos, estes profissionais podem ser legitimamente considerados como parceiros do fotógrafo na realização da fotografia final.

A Fotografia de moda é a fotografia especialmente produzida com o objetivo da difusão comercial de peças de vestuário, adereços e acessórios, bem como de produtos de beleza. O maior mercado para a fotografia de moda é aquele fornecido pelas revistas especializadas, pelas secções de moda de revistas femininas e masculinas, assim como pelos cadernos ou secções de moda dos jornais diários, mas existem diversos outros veículos para a fotografia de moda, como os catálogos produzidos pelos próprios fabricantes e, os chamados books empregados pelos manequins, como forma de registro de seus trabalhos e instrumento de obtenção de novos serviços.

Por fim, as fotomontagens é a arte de manipular, alterar ou misturar várias imagens, sendo que o resultado final pode ser uma imagem abstrata, surrealista ou realista.

Como vimos com o passar dos séculos a fotografia teve grande evolução, até mesmo pela forma que é tratada pelas pessoas. Ou seja, a fotografia não é, mas para poucos, ela se popularizou e atualmente qualquer indivíduo tem acesso a ela. Além disso, a forma de interpretação da imagem fotográfica também mudou isso aconteceu muito pelos avanços tecnológicos e pelas formas de alterar as imagens durante e depois de capturá-las.

4. A INTERPRETAÇÃO FOTOGRÁFICA: LEITURA ABSTRATA

A visão é um sentido utilizado pela maioria das pessoas cotidianamente, o que torna essa experiência um hábito. E faz com que as pessoas não prestem mais atenção para os aspectos visíveis do cotidiano, transformando essa experiência em algo monótono e previsível (SHIMODA, 2009). No entanto, quando os indivíduos são estimulados a enxergar as imagens do seu ambiente cotidiano utilizando um novo olhar

em busca de detalhes que ainda não percebidos, isso poderá despertar, a partir dessa experiência, comecem não apenas a ver o que não se viu anteriormente, mas também aprender a interpretar e dar significado aos detalhes da composição das imagens e formas.

Em contrapartida, ao habituar-se aos ambientes cotidianos o indivíduo deixa de lado essa prática reflexiva da observação das imagens, tornando-se novamente um processo rotineiro e sem importância e é justamente neste aspecto que podemos diferenciar o olhar de um fotógrafo de um olhar de uma pessoa comum, “o fotógrafo, diferente das outras pessoas, encara os aspectos visíveis que o cerca como algo novo de se ver, não reduzindo-se nunca a experiência da visão do hábito” (SHIMODA, 2009, P. 120).

Neste sentido, o fotógrafo não pode ser apenas um agente passivo, refém da técnica, mas deve fugir do habitual, e é necessário trazer ângulos e parâmetros diferentes das imagens e formas buscando encontrar algum detalhe novo. Para (SHIMODA, 2009, p. 122), “o fotógrafo não é aquele que registra um fato, mas é aquele que registra um ponto de vista, consciente que essa experiência, que pode revelar novas perspectivas sobre o mundo e as pessoas que nos rodeiam”.

Dentro deste processo de análise é possível encontrar alguns elementos que podem auxiliar na interpretação da imagem fotográfica como a forma, textura, padrão, cor e impressão de movimento.

Para tanto, podemos definir esses elementos como, a forma na fotografia é um contorno que informa um significado de volume e solidez de um objeto, entendendo objeto como uma diversidade de coisas, tão diversa como uma figura humana e a figura das nuvens. A textura é uma qualidade visual relacionada à superfície dos objetos, que revela as variações visuais particulares dos materiais, e se relaciona, na maioria das vezes, a memória do nosso sentido no tato, o que nos permite julgamentos visuais em relação à maciez, a aspereza, rugosidade etc.

A percepção e o uso padrões visuais, permite trabalharmos com a ideia de ritmo visual que nos possibilita organizar ou desorganizar, o aspecto formal da fotografia. O elemento cromático, tanto da foto colorida quanto da preta e branca é o elemento responsável pelo clima da fotografia, para trabalharmos o efeito de movimento em uma

fotografia tanto permite congelar uma imagem quanto criar pela linguagem visual uma sensação de movimento em uma imagem fixa (SHIMODA, 2009).

A interpretação das imagens fotográficas não é um processo fácil, a fotografia traz consigo, sempre, um rastro do real, definida por alguns como uma imagem da natureza inicial, e “como existem diversos tipos de imagens, existem inevitavelmente diversos tipos de interpretações. Nenhuma mensagem, seja ela qual for, pode se arrogar uma interpretação inequívoca” (MARTINE, 1994, p. 40).

Nesta perspectiva, é possível observar que ao interpretarmos uma imagem não necessariamente este conceito será imutável, logo que as imagens podem suscitar diferentes interpretações dependendo tanto do ponto de vista individual quanto de situações momentâneas e pontuais do cotidiano, “interpretar é criar um ritmo, uma leitura possível, atribuir sentido e significado para aquilo que foi construído imagetivamente” (MARTINE, 1994, p. 41). Isto é, uma pessoa dependendo do contexto poder fazer uma leitura interpretar da mesma imagem de forma diferente dando um sentido real ou abstrato.

Para Schapiro (2001), é no abstrato que o artista coloca seu potencial para criar uma imagem que não traga em sua percepção referência de figurativo. O abstrato, nega o figurativo, e de certa forma nega o real. Esse aspecto estimula o fotógrafo, pois ele sempre esta em busca do novo e procura passar uma visão diferente das imagens fotográficas, despertando no espectador linguagens interpretativas individualizadas da mesma imagem.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que a fotografia filha da pintura e das artes plásticas, não é considerada apenas como um invento, mas um processo evolutivo, já que ela veio sofrendo grandes transformações com o passar dos séculos.

Ao retratar uma paisagem ou mesmo uma pessoa, o fotógrafo amador ou profissional procura compor a cena de tal forma que o resultado seja harmônico e agradável para quem for ver a imagem. Às vezes, uma pequena alteração no

enquadramento pode dar um efeito surpreendente às fotos alterando a interpretação da imagem.

Nesta perspectiva, a fotografia deve ser aprendida como comunicação que emprega diversas linguagens dotadas por significados e discursos que tem o objetivo de interpretar o real ou parte dele fazendo uma leitura do mundo e do cotidiano social, de acordo com os mais diferentes pontos de vistas, bem como é possível observar que ao interpretarmos uma imagem não necessariamente este conceito será imutável pelo fato das imagens suscitarem diferentes interpretações que dependem tanto do ponto de vista individual quanto das situações do cotidiano. Ou seja, é possível que uma pessoa faça uma leitura interpretativa real ou abstrata da mesma imagem dependendo do contexto que ela está inserida.

6. REFERÊNCIAS

BERGER, Peter L. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1985.

DUBOIS, Philippe. **O ato de fotografar e outros ensaios**. Editora Papyrus, São Paulo, 1993- 8º edição.

FABRIS, A. (Org.). *Fotografia: usos e funções no séc. XIX*. São Paulo: Edusp, 1991.

FLUSSER, V. **Filosofando a caixa preta**. Editora: Hucitec. São Paulo, 1985.

KUBRUSLY, Cláudio Araújo. **O que é fotografia?** Editora: Brasiliense. São Paulo, 2006.

MAUADA, Ana Maria e ALVES, Nilda. **A leitura de Imagens na pesquisa social**. Editora: Cortez. São Paulo, 2004.

MARTINE, Joly. **A Imagem e sua Interpretação**. Coleção Arte e Comunicação. Editora: 70. São Pauli, 1994.

RAMALHO, José Antonio. **Fotografia Digital**. Editora: Elcevier. Rio de Janeiro, 2004-6º edição.

SHIMODA, Flávio. **Imagem fotográfica**. Editora: Alínea. Campinas- SP, 2009.

SCAHPIRO, Meyer. **Mondrian -A dimensão humana da pintura abstrata**. Editora: Cosac & Edições. São Paulo, 2001.

SONTAG, Susan. **Sobre a fotografia**. Editora: Companhia das letras. São Paulo, 2004.